

As greves

A greve gráfica

COIMBRA, 22.—Devido à intransigência que as partes contendentes fezem maniobrar, continua o greve parcial dos camardas gráficos, tendo apenas havido agora um pormenor digno de nota: a quebra do lock-out patronal.

A Tipografia Auxiliar do Escritório, cujo proprietário, Albino Caetano da Silva, pertence ao chamado pão liberal, reacionário, reabriu, convivendo o pessoal a retomar o trabalho.

A abertura desta oficina efectuou-se com grande aparato bético, estando representada a polícia e a guarda municipal. Os operários, porém, recusam-se agora a retomar o trabalho sem que lhes sejam pagos os dias que durou lock-out, ao que o Silva não querer aceitar. O único operário a apresentar-se foi um tal Alfredo Neves, que nos dizem ser criatura sem cotação na classe. Este pobre diabo, apesar de acompanhado pela força, apanhou uma sova mestra, que lhe deve ter ficado de emenda, para outra vez não traír os camardas em luta. E' preciso que toda a classe fique conhecendo este amarelo para o receber com as atenções que merece quando porventura se dirija a qualquer ponto do país pedir o auxílio dos gráficos.

A Imprensa Académica abriu também e, com respeito à pessoal, ficou na mesma, pois os gráficos exigem que, pelo capricho patronal, não puderam trabalhar. Foi o sr. Desidero Pina o único responsável pelo conflito nesta casa.

Nota picareta: Por baixo do convite que o proprietário da Tipografia Auxiliar de Escritório mandou afixar, à porta da oficina, para que o pessoal retomasse o trabalho, apareceu afixado um letrero em grossos caracteres, do seguinte teor: *Especialidade em notas falsas, sucursal em Miranda do Corvo.*

Este letrero provocou a hilaridade dos gráficos, pois parecia tratar-se dum caso há tempos ocorrido, mas que todos eles conhecem de sobejto para saber que o sr. Caetano da Silva afina com a brincadeira. — C.

Dois espectáculos num só teatro

Na enfermaria 4 (S. António), do hospital de São José, faleceu Manuel Caetano, de 58 anos, carpinteiro, residente na rua Pinheiro Chagas, S. M., que, como noticiaram, se largou de umas obras de um prédio próximo da residência, à rua, no dia 17 ultimo, na intenção de se suicidar.

Os desesperados

Na enfermaria 4 (S. António), do hospital de São José, faleceu Manuel Caetano, de 58 anos, carpinteiro, residente na rua Pinheiro Chagas, S. M., que, como noticiaram, se largou de umas obras de um prédio próximo da residência, à rua, no dia 17 ultimo, na intenção de se suicidar.

Aumento do quadro de faveleiros

Em consequência da montagem de novos favelas vai ser aumentado o quadro dos faveleiros para o contínuo e ilhas adjacentes.

bastante concorrida, ficando eleitos os delegados da comissão conciliadora e da fiscalização, sendo nomeados fiscais latocineiros, ferrals, correiros, serradores, marceneiros, alfaiates, carpinteiros, sapateiros e ferreiros, tendo sido logo passados uns cartões provisórios.

No dia seguinte houve a autoção de 13 transgressores, que foram chamados à presença do sr. administrador do concelho, onde foram repreendidos, dizendo-se-lhes que se tornassem a infringir o horário então levariam outro correctivo.

Mas há aqui um nababo riquíssimo, negociante de vinhos, que disse aos seus operários: «strabalem, rapazes, quem manda sou eu; não tenham medo de ir parar à cadeia, que eu tenho bastante dinheiro!». Estes cordeirinhos obedecem, vergonhoso é dizer-lhe, mas tendo chegado o acto ao conhecimento do administrador, este ficou de falar com tal explorador a fim de que se respectasse o horário.

O comércio tentou reagir, tendo reunido nesse sentido, mas foi tal a confusão que não tiveram resultado senão acatar a lei.

Agora cumpre tratar dos operários, pois estes não sabem cumprir o seu dever, a ponto do administrador, na reunião de que atraíram, ter dito que parecia impossível que no Cartaxo, onde há tantos operários, estes não estivessem organizados e que era preciso reerguerem a Associação, pois que além do horário, mais reivindicações tinham a fazer, aconselhando ao mesmo tempo a que fizessem cumprir o horário sem violências, mas também sem cobardias.

Grande lição deu este senhor águas que tem estado arredados do seu verdadeiro caminho, pois que não compreendem que sem organização nada se consegue. Os operários do Cartaxo tem o dever de se organizar a valer, quando não ficam tidos como os mais retrogrados, pois que não querem saber da sua situação. Veremos dora ávante o que é que fazem os operários, pois não os largaremos de mão.

NAS CALDAS DA RAINHA

CALDAS DA RAINHA, 20.—C. Aqui não se cumpre, na indústria, o regulamento da lei das 8 horas de trabalho. Apelam os industriais para a circunstância de estarmos no inverno para irem assegurando que são anti-legais.

No comércio, uns comerciantes mais engonhados, fecham as portas e trabalham em arrumação até altas horas; outros, nem isso fazem, como os Armazeães do Povo, que ficam com os seus portais bem abertos até às 20,30 e 21 horas. Associação de Classe, não há, apesar dos operários da construção civil terem profusamente indicado o seu representante para o Ministro do Trabalho nomear delegados à Conferência Internacional do Trabalho; os operários empregados no comércio foram reunir no Monte-pio Rainha D. Leonor, on coisa que o valha, para nomear os seus fiscais da grande—com todos os rr—lei do horário normal de trabalho.

Resultado da falta de associações de classe que normalmente tratam destes importantes assuntos. Os Armazeães do Povo ficaram esta noite com os portais em estilhaços. Não comentamos. A culpa destes gestos é só dos que querem os sindicatos.

PELA POLÍTICA

Sois ainda servos e não cidadãos. Que importa que vos tenham confundido o direito de sufrágio se havés de exercê-lo baixo a pressão dos que vos pagam?—A imprensa dos operários, ao pe de direituras. Será lúdrica a liberdade enquanto não houver igualdade de condições. Preparamos para conseguirla. — P. J. Margall—De *Articles*, pag. 303.

No palco parlamentar

As minorias representando um papel de bonecos.

O regimento da Câmara dos Deputados determina que em todas as sessões seja reservada uma hora antes de se entrar na ordem do dia para os deputados tratar de assuntos diversos.

Há já tempo que essa hora, antes da ordem, é suprimida em virtude de a maioria marcar para antes da ordem projectos de seu interesse sucedendo de ai que todos os dias se inscrevem vários deputados mas que nunca chegam a usar da palavra, à exceção daquelas que a pedem em negócio urgente e que a maioria reconheça urgência.

Contra este procedimento protestou hontem com toda a veemência o sr. Ramada Curto.

Com o processo de se discutir os projectos de duidosa urgência antes da ordem do dia, — disse — vem-se tirando ás minorias o direito de se ocupar de questões inadiáveis, como se não estivessemos em regime parlamentar mas sim em presidencialista.

Este processo é um verdadeiro *bluff*.

Deseja tratar da apreensão do jornal *O Combate*, para o que necessita a

presença do sr. presidente do ministério;

de questão cambial, para o que

precisa interpor o sr. ministro das finanças; três notas de interpelação aguardam que os interpellados se declarem habilitados, o que poderá ser daqui a um mês, a dois, quando muito bem quererem.

Ao que separamos, as minorias estão representando um papel de simples bonecos.

Desde que se não cumpram as disposições regimentais, as minorias vêr-se-hão compelidas a saírem da luta legal.

Em plena «anarquia»...

Sobre a apreensão de *O Combate* o sr. presidente do ministério declarou que tal acto não foi ordenado pelas autoridades. Procurou averiguar quais ordenaram a apreensão apurara que um indivíduo estranho à polícia, telefonou para todas as esquadras mandando-o apreender.

O sr. Afonso de Macedo em aparte:

Nesse caso se alguém se lembra de mandar prender o governo pelo mesmo processo ficamos sem governo.

O sr. José de Almeida: — E' espantoso! Isto revela bem como tudo isto anda à matroca! E' o caos, não ha que ver.

O sr. Sá Cardoso sabe o que dizem dêle mas não acredi...
dita...

Responde o sr. presidente ao sr. Júlio Martins que o interpela sobre os boatos de tentativa de um movimento revolucionário. Dizia o sr. Sá Cardoso que sabia que se conspirava, mas que tinha a convicção de que a conspiração não chegaria a exteriorizar-se. Perguntar-me-há agora — disse saber que se conspira e quem conspira, porque não prende os conspiradores? Porque — responde — não quero proceder como se procedeu no sidonismo.

O sr. Júlio Martins: — Por V. Ex. a fazer o contrário do que se fazia no dezembrismo é que até lhe chamam o «grande vivo».

O sr. presidente do ministério: — Se que me chamam o «grande vivo» e sei ainda que me chamam muitas coisas más.

Vê-se, pois, que o sr. Sá Cardoso sabe que, no meio político, é tido como a maior negração para estadista, que dele dizem que como ministro é valente oficial do exército, que o compararam a Monsieur de La Palisse e ao nosso grande filósofo amigo Banana, mas o sr. Sá Cardoso não acredita. E faz muitos malabarismos.

A atitude do Partido Liberal só era explicitada, nos *Passos Perdidos*, pela não conveniência, para estabelecer, que está em conjunto com o Partido, de assinuir, nesta oportunidade, o governo, visto ser ele o chamado a governar, dado o regime de rotativismo que, com a constituição do mesmo agrupamento político, ressurgiu.

É que agora — que diabo! — foi melhor assim. Convencidos como estamos que não há governos melhores que outros... para não dizermos com a rainha Cristina, da Stúcia, — mesmo porque não viria a propósito — que «mudando de ministros não se faz mais que mudar de ladrões».

É que, pois, que o sr. Sá Cardoso sabe que, no meio político, é tido como a maior negração para estadista, que dele dizem que como ministro é valente oficial do exército, que o compararam a Monsieur de La Palisse e ao nosso grande filósofo amigo Banana, mas o sr. Sá Cardoso não acredita. E faz muitos malabarismos.

A atitude do Partido Liberal só era explicitada, nos *Passos Perdidos*, pela não conveniência, para estabelecer, que está em conjunto com o Partido, de assinuir, nesta oportunidade, o governo, visto ser ele o chamado a governar, dado o regime de rotativismo que, com a constituição do mesmo agrupamento político, ressurgiu.

O Estado vai enfim pagar a sua dívida à Câmara Municipal — Vamos ter peixe barato?

Ora aqui está a razão por que a vida não está barata... A chave do problema tem-na a Câmara guardada no fundo do baú.

Respondendo ainda a uma outra passagem do discurso do sr. Júlio Martins, relativo ao encarcamento constante da vida, o sr. presidente do ministério disse que tem procedido contra os acambardeiros dentro do que é legal. Ainda há poucos dias, deus ordens pôr a proceder contra eles, com o máximo rigor, mas sempre dentro da lei.

Como o sr. Júlio Martins tivesse aludido ao facto de em França se ir até à pena de morte para o crime do agarramento ou especulação, o sr. Sá Cardoso diz que o que se faz lá forá não se pôde fazer entre nós.

O sr. Júlio Martins em aparte: — Entra nôs pôr-se robar.

O sr. presidente do ministério: — Faça a Câmara uma lei dessa ordem.

O governo entregou ao parlamento novas propostas de lei tendentes a baratear os gastos. A Câmara, porém, tem adiado a discussão dessas propostas.

O sr. Júlio Martins interrompeu-o:

— Faça V. Ex. a dessas propostas ques...

A venda nas principais livrarias

Pedidos à EMPRESA EDITORA POPULAR, Rua do Poço dos Negros, 79 a 83-A - Lisboa

O que vai lá por fora

NA POLÔNIA

Desenvolve-se a Jacquerie - Os

desejos de paz com a Rússia.

A orientação pacífica vai ganhando

novos adeptos. A guerra contra os So-

tões custa caríssimo, e os Aliados,

que obrigaram a Polônia a bater-se

contra a Rússia, negam-se agora a aju-

dar-lhe financeiramente, e a recompensar

os seus sacrifícios.

Os maiores encarniços na luta contra

o bolchevismo começam a afrouxar,

porque observam que o seu servilismo

para com a "Entente" de nada lhes tem

servido.

Além disso, a situação interna é mu-

ltímo grave, principalmente nos campos,

e por isso, para se atender ao inimigo de

casa, não se pode fazer frente de de-

sa.

Os bolchevistas entregam-se a uma

guerra intensa, sobretudo nas re-

giões de Lublin. O movimento nos can-

tos tem tomado o carácter dum verda-

reiro Jacquerie, formando-se por toda

parte organizações com o fim de ex-

propriar os grandes proprietários.

Os operários declaram-se prontos a

auxiliar os campesinos, tendo já 10 fe-

derações sindicais, contando 90.000 op-

erários, declarando que, sendo preciso,

recorrer à greve para protestarem

contra as repressões da autoridade.

Tchitchiner, sabedor destes aconte-

cimentos, renova as suas propostas de

paz, e parece que a Dieta polaca no-

meu uma comissão encarregada de

ditar as cláusulas do armistício com

a República dos Soviéticos.

A ser isto verdade, a ação da Polô-

nia não fará senão reforçar a dos Esta-

bólicos e sobretudo a da Estônia, que

deseja impacientemente depor as

armas. O bloco báltico-polaco, ao qua-

lhe juntar-se-á eventualmente a Ucrânia

e a Finlândia, seria suficiente para se

impôr e resistir as intimidações de Pi-

er丘和 Churchill.

NA SUECIA

Protesto contra o bloqueio da

Rússia.

Em vários meetings realizados em Es-

tocolmo, 6.000 socialistas protestaram

contra o pedido dos aliados para que

também os países neutros entrassem no

bloqueio da Rússia, e resolveram enviar

o seguinte telegrama aos operários in-

dutos:

"Os vossos capitalistas ameaçam obrir-

os os Estados neutros a entrar em

guerra, contra os trabalhadores da Rússia.

Protestamos energicamente contra

esse ultraje, pedindo-vos façais tudo o

que puderdes para o evitar."

Além desse sinal de simpatia dado

pelos socialistas suecos à República So-

viética da Rússia, já há tempo os tra-

balhadores das docas, num gesto que

não só significa, gesto digno de imita-

ção, se recusaram a carregar manti-

mentos destinados ao governo do alim-

ante Koltchak.

NA FINLANDIA

A pressão da Entente para con-

duzir este país contra a Rússia.

Os aliados procuram por todos os

modos, na hora actual, arrastar a Finlândia contra a República dos Soviéticos da Rússia. A situação do general Lá-

bosoff não é das mais seguras, e só o

governo finlandês o poderia auxiliar

tendo tropas contra a retaguarda das

forças vermelhas.

A invasão da Finlândia traz irritadas

as chancelarias aliadas, porque éste é

o pequeno Estado, pela sua posição geográfica,

seria o melhor auxiliar que poderia

encontrar contra o governo dos Soviéticos.

Mas a Finlândia retirou-se da

guerra por duas razões: primeiro, porque

os socialistas na Dieta e no país são bas-

tamente numerosos para resistirem a toda

a velocidade contra-revolucionária; se-

gundo, porque os dirigentes de Hel-

mefors sabem muito bem a sorte a que

têm reservariam Dénikine, Koltchak e

Von den Brüggen, em caso de vitória. Se Man-

terheim estivesse no poder, não fa-

taria nenhum meios para se obter este concurso,

se seria um instrumento cego nas ma-

mãos dos tsaristas, aliados, como já o tinha

dito os pangermanistas.

Numa entrevista com o *Times*, Man-

terheim mostrou-se muito surpreendido

com os boatos acerca do entendimen-

to entre bolchevistas e o governo

finlandês, e declarou que a sua política

apoiada pela maioria do povo do

seu país e por isso ainda não tinha per-

ido as esperanças de marchar sobre

o petróleo com tropas finlandesas.

Para se fazer uma ideia de qual era a

política do general Mannerheim, apoia-

-se segundo él - pela maioria do povo,

vamos transcrever aqui algumas passa-

gem dumas proclamação dirigida então

comitê dos trabalhadores finlandeses

aos operários de todo o mundo:

"A burguesia tenta destruir todos os

trabalhadores organizados, todos os

dezena e oitenta mil revolucionários,

que morrem de fome nos vários cam-

pos de detenção do país. Continuam

diariamente as execuções, baseadas nas

decisões dos tribunais marciais. Cala-

-se que o "Terror Branco" já cus-

-ta mais vidas - cerca de 20.000 homens,

mulheres e crianças - do que a guerra

é.

Os socialistas são tratados como cri-

-mâos acusados de pilhagem e de as-

-assinatos. Os membros da "Guarda

-Branca" dizem que a vida dum socia-

SINDICATOS da PROVÍNCIA

Jornal do Públíco

Protestos e reclamações

Das obras do Convento de Santa

Camarada redactor. - Venho relatar um caso que se passa nos armazéns regulares dos preços dos gêneros, da superintendência da Assistência Pública de Lisboa, de que é provedor um sacerdote, que pelos modos de tratar qualquer comissão parece mais um re-

lôgrado do que um avançado. Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser impossíveis

- Os operários que trabalham no Convento de Santa Joana, onde existe o armazém geral e outro de venda a retalho ao público, são, por ordem do antigo director, aviados nos referidos armazéns, por se reconhecerem ser imposs

MOVIMENTO ANARQUISTA

Centro Comunista do Porto — Em assembleia geral reuniu este centro anarquista, resolvendo, entre outros assuntos de sômemos importância, adquirir outra casa que satisfaca as exigências da sua instalação, atento o seu último desenvolvimento que tem sido, para o direito anarquista, todos os sôcios a necessidade de indicar o local que se tenham conhecimento, um edifício nas condições, fazendo a comunicação para a respectiva sede do grupo, autorizar a comissão administrativa a comprar o imóvel indispensável, regularizar a aquisição, e proceder ao seu edifício, com benefício do Centro, encarregando dessa missão a comissão de propaganda que, para este fim, agregou mais três sócios. Por último, abriu uma subscrição entre os sócios, que se encontra na sede com 2150 já subscritos.

Quedas e desastres

Pelos autos da Cruz Vermelha foram convidados ao hospital de S. José, Maria de Souto, os 800000 que estavam morando de S. António à Lapa, 462 2.º, que caiu por uma escada na Praça Luís de Camões, ficando muito contusa pelo corpo. Depois de pensada no Banco, recolheu à enfermaria 6 (Lourenço da Luta).

Antônio Fernandes, de 8 anos, morador na Quinta do Cipreste, em Chelas, que aí, na Rua da Santa Maria, foi estropiado por um carroça, ficando ferido na cabeça. Foi pensado no Banco e seguiu para casa.

Depois de operado pelos drs. Martinho Rosado, Fernando Lacerda e Pereira de Sousa, do Banco de Portugal, que o levou de volta ao hospital de S. Francisco, José dos Santos, de 19 anos, apelidado de soldado, residente na Murtela, Barreiro, que tendo ali chegado anteontem um buque carregado de peixe, que descer por um par de escadas, para seu bordo, não reparou que havia um prego saliente, o qual lhe foi rasgar a barba.

Faleceu no Banco do Hospital de S. José, pouco tempo depois daí ter dado entrada Helena Ferreira Barberita, de 4 anos, residente na rua S. Gens, villa Maria, 5.º esquerdo, que caiu da janela da residência e riu, ficando ferida na cabeça.

NECROTÉRIO

Deu entrada no Necrotério um operário de 54 anos, e que tendo sido acometido de doença súbita quando trabalhava numas oficinas de serraria no dia 24 de Julho, n.º 2, faleceu no trajeto, quando ao andar de ônibus. O falecido era conduzido ao hospital de S. José, onde foi verificado o óbito pelo cirurgião de serviço no Banco dr. Baltino do Rêgo.

Deu ali também enterro Artur Carlos Rodrigues, de 37 anos, que se suicidou com um tiro de pistola.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 23
Vapor holandês "Enterpe", de Amsterdã; Cuzador francês "Jeanne d'Arc", de Brest; Vapor inglês "Hawthorn", de Bures; Vapor Norueguês "Bra" de Hert.

Saídas nesta data
Vapor inglês "Luson Natura", para o Rio Janeiro.

Entradas em 24
AGRESSÕES

Vapores: americano "Abbeville", de Norfolk; holandês "Sindar", de Rotterdam; brasileiro "Avelino" de Angra dos Reis; "Praia", de Rio de Janeiro; francês "Britannia", de Marselha; norueguês "Astra", de Portimão e "Jones Rául", de Vila Real; português "Lagos", de M. Amedes; chilena espanhola "Mahana", de Panger e haitiano "Mark H. Gray", de Port.

Saídas
Vapores: brasileiro "Bonavente", para Rotterdam; "Curvelo", para Santos; holandês "Sindar", para Batavia e chilena "Rogers Robert", para Grevelingen.

Agressão à facada

Foi preso Francisco dos Santos, rua Peixoto Dias, 50, 2.º, por agredir com uma faca a Maria Duarte Branco, travessa da Peixoto, 22, loja, que recebeu tratamento no posto médico da Misericórdia.

Os que roubam fora da lei
O províncial José Pereira Biquel queixou-se à polícia de que lhe furtaram uma corrente de ouro e relógio de prata no valor de 5000.

Às 10h30 da noite, a companhia de trens da guarda republicana furtaram vários pneus metálicos para automóveis, e a Mariano dos Anjos, rua dos Douradores, 17, 1.º, uma porção de roupa no valor de 4000.

Um "terrível", bolchevista
O guarda n.º 1577 prendeu Alfredo José da Costa, de 29 anos, solteiro, marceneiro, alcaide de S. Lourenço 2-1, acusando-o de dar vivas ao bolchevismo e tentar agredir-no no acto da captura.

Multas legalmente condonáveis

Foi preso José da Fonseca, calçada da Gávea, e sem fôro de vida conhecido que no Rossio andava a meter as mãos nas algibeiras de quem passava; Alfredo Melo, de 10 anos, ruas do Viegas, 10-1.º, que foi agarrado na rua da Oura, pelo 1.º sargento da Guarda Civil, que o prendeu, por tentar abri-lhe malha de mão a uma senhora que passava, e Manuel Rodrigues da Silva, trabalhador, rua dos Cordeiros, 9.º joia e América, Almeida Ramos, estivador, rua do Norte, 17-2.º, por trazerem econômicos debaixo dos casacos, peles de vilafranca no valor de 12000, e peles de vilafranca no valor de 12000.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do sindicato dos pintores da construção civil faz público que o indivíduo preso ultimamente com o nome de Carlos Alberto, não é pintor, nem sócio do sindicato.

Mais declara que mesmo que pintor fosse, não o aceitaria como sócio, porque esta colectividade não consente no seu seio fomentadores de revoluções políticas.

A direção do